

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gabriel Ramos Sacramento

**TEMPO E ETERNIDADE: UMA REFLEXÃO ACERCA DA METAFÍSICA DO TEMPO EM SANTO
AGOSTINHO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Pedro Calixto Ferreira Filho.

Juiz de Fora
2016

TEMPO E ETERNIDADE: UMA REFLEXÃO ACERCA DA METAFÍSICA DO TEMPO EM SANTO AGOSTINHO

TIME AND ETERNITY: A REFLECTION ABOUT TIME'S METAPHYSIC IN SAINT AUGUSTINE

Gabriel Ramos Sacramento¹

RESUMO

O artigo busca apresentar como se dá, na filosofia de Santo Agostinho, a problemática do tempo e da eternidade, em primeiro lugar mostrando como, ao procurar conhecer Deus, o autor vai à natureza e a interroga a fim de descobri-la seu criador e depois mostrando como Agostinho combate o maniqueísmo, doutrina que levantava a questão: “ que fazia Deus antes de criar o céu e a terra”, e a partir daí traçar uma reflexão sobre o tempo

PALAVRAS-CHAVE: Tempo. Eternidade. Princípio. Criação. Santo Agostinho.

ABSTRACT

The abstract seeks to present how occurs, in Saint Augustine philosophy, the problem of time and of eternity, in first place showing how, when seeking to know God, the author goes to the nature and interrogates it aiming to find it as his creator and after showing how Augustine fights the manichaeism, doutrin that raised a question: “what did God before creating heaven and earth”, and from there draw a reflexion about the time.

KEYWORDS: Time. Eternity. Beginning. Creation. Saint Augustine.

1 - Introdução

O questionamento sobre o tempo permanece como uma constante na história humana, pois se trata de um tema, um conceito, que está intimamente relacionado com questões tão caras para a humanidade, como a vida, a morte, a juventude e a eternidade. E, ao passo que história e pensamento humanos evoluíram, tornou-se pertinente à filosofia endossar tal questionamento, pois, a busca pelo princípio do universo, e da vida, ou seja, pelo que ou por quem criou o mundo, a natureza e os animais, e deu-lhes vida, encarregar-se-á de conferir a tal questionamento status de condição inerente a um discurso, a uma reflexão, acerca da própria existência.

A análise que se segue trata-se de um breve comentário sobre a questão do tempo na obra e no pensamento de Agostinho de Hipona, que impulsionado pelo desejo de conhecer quem era o Deus que o tivera criado, questiona-se sobre o mundo sensível, o tempo e a eternidade. Para tanto, tomaremos

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: correioeletronico@ufjf.edu.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Pedro Calixto Ferreira Filho

como base suas “*Confissões*” das quais extrairemos questões expostas nos livros décimo e décimo primeiro. No primeiro santo Agostinho irá se questionar “*Então o que é Deus?*” (*Conf.*, X, p.280) e a partir daí começar um movimento anagógico em busca de uma resposta, passando pela questão da eternidade. Já no segundo veremos um questionamento direto sobre o que é o tempo, motivado por questões levantadas pelo senso comum e por suas divergências com os maniqueus².

O texto será dividido em duas partes. Na primeira comentaremos sobre o porquê Santo Agostinho busca conhecer a Deus, vendo nesse ponto a questão da eternidade de Deus como algo já presente no questionamento agostiniano, e porque ele começa tal busca pela natureza, analisando o que se conhece como “*prosopopeia da natureza*”, pois tal questão já conterà uma preocupação do filósofo com a temporalidade, pois o aspecto de mudança do mundo físico evoca a eternidade de seu criador. Na Segunda, veremos como o Bispo de Hipona entenderá Deus como algo eterno e imutável, do qual tudo foi criado, e a partir de tal entendimento fazer uma análise do tempo, motivado pelo questionamento levantado pelos discípulos de Mani; “*Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?*”³, e em tal análise elucidar-nos sobre o que verdadeiramente seria o *Tempo*.

2 – Prosopopeia da natureza.

Ao iniciar o livro Décimo das *Confissões*, Agostinho retoma qual é a finalidade de sua análise e nos diz: “*Que eu te conheça, meu conhecedor, que eu te conheça como de ti sou conhecido.*” (*Conf.* X, p.275), ou seja, há uma relação que é estabelecida entre Deus e ele, pois o filósofo entende estar na presença constante de Deus, que o conhece plenamente, e portando, se vê em uma situação relacional onde Deus é o parâmetro, é a referência para o conhecimento, mas também é quem proporciona o conhecimento da verdade, que é beatificadora, ou seja, que proporciona uma felicidade verdadeira. É portanto, Deus quem pode ser a causa da beatitude na vida do homem, isso justamente por o Seu caráter eterno e permanente; sobre isso explica Étienne Gilson em sua *Introdução ao Estudo de Santo Agostinho*:

“O problema da beatitude, portanto, consiste em saber o que o homem deve desejar para ser feliz e como pode adquiri-lo. O objeto de tal desejo deve satisfazer várias condições. A princípio, deve ser permanente e independente do acaso e da fortuna. Nada de caduco e perecível pode ser possuído por nós quando queremos e tanto quanto o queremos. Por outro lado amar o que se pode perder é viver num terror perpétuo incompatível com a verdadeira felicidade. Ora, somente Deus é permanente e independente de todo o resto, pois apenas ele é Eterno. Aquele que tem Deus é, portanto, o único que teria a felicidade e também, por conseguinte, o desejo de Deus é a única via que conduz a beatitude”⁴

Logo, desejar Deus, amar Deus, é a única forma de alcançar a verdadeira felicidade ou a beatitude, pois Ele é verdadeiramente eterno e imutável, e, portanto, permanente. Assim fica-nos evidente que a necessidade de uma fonte beatífica verdadeira ser permanente, gera no Santo de Hipona uma primeira reflexão sobre a temporalidade, pois, perceber que a verdadeira felicidade só despontará de algo que não esteja exposto a mudanças, ou seja, à passagem do tempo, já é perceber que há coisas que estão subordinadas ao tempo, e que justamente por serem-no é que não podem verdadeiramente implicar a beatitude.

É então que analisando o que de si conhece, que Agostinho afirma ser amar Deus o que “com certeza” ele sabe⁵, mas o que ele ama ao amar Deus?⁶ Desta maneira interroga a natureza a fim de

² “A problemática do tempo entra na filosofia Agostiniana a partir de sua controvérsia com os maniqueus, os quais, na sua cosmologia dualista, afirmavam que o mundo é o resultado da mistura de dois princípios ontológicos originantes: o bem(deus) e o mal(a matéria), ambos de natureza infinita e limitada, que se encontram em eterna luta em todos os seres do universo.” (COSTA, Marcos Roberto Nunes. 2010, p. 138.)

³ “Não é verdade que ainda estão cheio do erro do velho homem os que nos dizem: “ Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra ?” – Se estava ocioso, se nada fazia, por que não continuou a se abster sempre de qualquer ação?” (*Conf.*, XI, 337)

⁴ GILSON, 2006, p.19 da edição referenciada. Na introdução do livro Gilson aborda com clareza a questão da beatitude em Agostinho.

⁵ “O que sei com certeza, Senhor, é que te amo. Feriste meu coração com tua palavra e te amei” *Conf.*, X, p.280

⁶ “Mas, o que amo eu, quando te amo?” *Conf.*, X, p.280

descobri-la seu Deus, mas é frustrado quando ela mesma o responde, em coro, “*Ele nos criou*” (Conf., X, p.281), daí a expressão “prosopopeia da natureza”.

“Então o que é Deus? Perguntei à terra, e ela me disse: “Eu não sou Deus.” E tudo o que nela existe me respondeu o mesmo. Perguntei ao mar, aos abismos e ao répteis de alma viva, e eles me responderam: “Não somos teu Deus; busca-o acima de nós.” Interroguei as brisas que sopram, e todo o ar, com seus habitantes, me disse: “Anaxímenes está enganado eu não sou Deus.” Perguntei ao céu, ao sol, à lua e às estrelas. “Tampouco somos o Deus a quem procuras” – me responderam. Disse então a todas as coisas que batem às portas de minha carne: “Dizei-me algo de meu Deus, já que não sois Deus; dizei-me alguma coisa dele.” – E todas exclamaram em coro: “Ele nos criou.” – Minha pergunta era meu olhar, e sua resposta a sua beleza.” (Conf., X, p.280/281)

O que fica claro, portanto, é que o mundo dos corpos, o mundo sensível, para os que sabem perguntar exclama, por meio de seu aspecto mutante, que ele não é eterno, e, portanto, não é Deus, Diz-nos Gilson:

A resposta unanime dos seres ao pensamento que lhes interroga e os julga é que eles não são Deus, mas que é Deus quem os fez. Para fornecer essa resposta, o céu e a terra apenas têm que se mostrar tais como são: os teatros das mudanças incessantes, dado que tudo se desenrola num perpétuo movimento. Ora, mudar é perder o que se tinha e adquirir o que ainda não se tinha; assim, o que muda se torna o que não era e deixa de ser o que era, o que equivale dizer que é eterno. (GILSON, 2006 p.355)

Logo, se o mundo então, proclama não ser eterno, é fato, completa Gilson, que ele igualmente proclama ser criatura:

Por outro lado, o que não é eterno não sempre existiu, e o que é sem ter sido sempre necessariamente foi feito. (GILSON, 2006, p.355)

É neste ponto que Agostinho clareia-nos o que de fato há de importante em dar vida à natureza e descobri-la criatura e não criador – “*Minha pergunta era meu olhar, e sua resposta a sua beleza*” (Conf., X, p.280). – Os sentidos informam a beleza do mundo, e por tal beleza, tal forma ordenada e harmônica, conhecida pelos sentidos, é que entendemos a existência de um criador, de uma razão que ordena e dá o caráter harmônico, e portanto, para nós, belo da natureza. Ao afirmar que a pergunta feita à natureza fora seu olhar, e a resposta dela sua beleza, o filósofo de Hipona nos elucida a ideia de que aquilo que é físico, também é informante de algo que está acima, de algo que o transcende e que lhe dá forma, de tal modo que as mensagens captadas por nossos sentidos, ou seja, as imagens, os sons, os paladares, os odores, e finalmente o toque, nos transmite a certeza de que tal natureza, que é bela, é criatura, é parte de algo que é verdadeiramente belo, e portanto, suficiente para criar, a partir dele mesmo, criaturas que sejam portadoras de atributos de tal beleza, e que assim indiquem para esse belo derradeiro que é Deus.

Mas há portanto, algo a quem é informada a mensagem, e que nos faz capazes de interrogar a natureza, o mundo, e julgar sua resposta, e é sem dúvida por ele que, portanto, chegar-se-á a Deus, pois se não é pelos sentidos, que informam, será por aquilo que entende e julga a mensagem transmitida, sobre isso Agostinho nos diz; “*Dirigi-me, então, a mim mesmo, e disse para mim: “E tu, quem és?” – E respondi: “Um Homem”. Para me servirem tenho um corpo e uma alma: aquele exterior, esta interior.*” (Conf., p.281). Ora, é portanto, para Agostinho, ao “homem interior”, à alma, que o homem exterior, o corpo, transmite as mensagens emitidas pela natureza, ou seja, sua beleza, e é na alma, que extraímos de tais mensagens a certeza de que Deus é transcendente ao mundo físico, logo, será dentro de nós, na alma, que estará o próximo passo na busca por Deus.

“Por qual destas partes de mim mesmo deverei buscar a meu Deus, a quem eu já havia procurado com o corpo desde a terra até o céu, até onde pude enviar os raios de meus olhos como mensageiros? Melhor, sem dúvida, é a parte interior de mim mesmo, porque é a ela que comunicam suas notícias todos os mensageiros de meu corpo, como a presidente e juiz das respostas do céu, da terra, e de tudo o que neles se encerra e que proclamam: - “Não somos Deus.” – e – “Ele nos fez”. (Conf., X, p.281)

Ou seja, aquilo com qual temos contato a partir dos nossos sentidos enche-nos com sua beleza, porém, de uma maneira natural, por consequência de seu aspecto perecível, leva-nos a nós mesmos, ao inteligível, às nossas ideias que imediatamente ao serem despertadas pela beleza do mundo, convergem-se em uma tentativa de entender, para conhecer, quem deu forma a matéria com a qual é composto o mundo físico, de modo a torná-lo tão belo.

Assim sendo, há de fato nesta fase da busca Agostiniana por Deus, ares de uma reflexão sobre a temporalidade dado que é propriamente a necessidade de ter como beatitude algo que não pereça e que, portanto, seja eterno, que leva Santo Agostinho a buscar Deus, e assim ir à natureza interroga-la tendo como resposta a certeza de ser ela criatura, justamente por seu aspecto perecível e inconstante.

3 – O tempo e a Eternidade.⁷

Haja vista que filósofo de Hipona percebe que o mundo dos corpos fora então, criado por Deus, segue-se que seu questionamento agora será em vista de como Deus criou o mundo, e de que forma é possível extrairmos do mundo algo que nos ensine sobre Ele. Agostinho fora maniqueu, e é justamente a concepção maniqueísta acerca da criação do mundo que fará com que ele se dedique a questão do tempo.

A doutrina maniqueísta diz que o mundo fora criado por Deus a partir de uma matéria, que assim como Deus, seria eterna, afirmando assim a eternidade do mundo. E ainda segundo Mani, Deus seria luz e por consequência uma substância corporal.

Segundo a doutrina de Mani, Deus é luz, ou seja, uma substância corpora, brilhante e muito tênue. Essa mesma substância, depois de ter resplandecido em Deus, brilha nos astros, luz em nossa alma e luta contra e luta contra as trevas sobre a terra. (GILSON, 2006, p.357)

3.1 – A questão da Eternidade

Entretanto Agostinho irá, agora, propor que o mundo, na verdade, foi criado por Deus do nada (*ex nihilo*), ou seja, sem a necessidade de uma matéria⁸ já existente.

Para ele, o mundo só pode ter duas origens: ou Deus o criou do nada, ou tirou-o de sua própria substância. Admitir a última hipótese, é admitir que uma parte da substância divina possa se tornar finita, mutável submissa às alterações de todos os tipos e também a destruições, que sofrem as partes do universo. Se tal suposição é contraditória, conclui-se que Deus teria criado o universo do nada. (GILSON, 2006, p.358)

Logo, Santo Agostinho irá piamente defender que a criação é a partir do nada, pois esta seria, portanto, a maneira mais correta de entender o ato da criação. E mais. Ainda contra os seguidores de Mani, que se questionavam o porquê Deus quis criar sendo que já é perfeito em si, Agostinho afirma ser a própria vontade de Deus a causa da criação.

Se em Deus apareceu um movimento novo, uma vontade nova de criar o que não tinha criado, como falar de uma eternidade verdadeira onde nasce uma vontade que não existia antes? Porque a vontade de Deus não é uma criatura, ela precede a toda criatura: nenhuma criação seria possível se a vontade do Criador não a precedesse. A vontade de Deus, portanto, pertence a sua própria substância. (Conf, XI, p.337)

Explica-nos Gilson:

Por que Deus quis criar as coisas? Se buscamos uma causa para o universo anterior e distinta da vontade de Deus, a questão é inconsistente porque a causa única das coisas é a vontade de Deus que, sendo a causa de tudo, não tem causa. Buscar a causa da vontade de Deus é, portanto, buscar algo que não existe. (GILSON, 2006, p.359.)

⁷ Aqui, valer-me-ei amplamente da primeira sessão: “A Criação e o Tempo”, da terceira parte: “A Contemplação de Deus em Sua Obra” do Livro de Étienne Gilson “Introdução ao Estudo de Santo Agostinho”, edição referenciada, pois tal problemática é de tal forma, para mim, complexa, que é necessário, para que bem apresente o tema, o seu auxílio bibliográfico e intelectual.

⁸ “Embora exista uma matéria primeva comum, com a qual foram formadas todas as criaturas partícipes do cosmos, essa matéria deve sua origem a uma causa primeira, que por ser primeira é a única causa não causada. Deus é esta causa primeira do cosmos.” COSTA, 2010, p.141

Étienne Gilson explica ainda que é plausível apenas pensar porque Deus quis criar o universo tal qual ele é, afirmando que Platão já tivera refletido no *Timeu* sobre uma questão que coincide com a problemática da criação, segundo o pensamento judaico-cristão: “A resposta a essa questão não escapa ao alcance da razão natural, dado que Platão formulou-a no *Timeu*, nisso concordando com o ensinamento das Escrituras. Deus é essencialmente bom; não obstante, todas as coisas são boas na medida mesma em que são;(...)” (GILSON, 2006, p.359), ou seja, a criação, tal como ela é, é fruto da bondade de Deus.

Já no livro XI das *Confissões* Agostinho diz que as palavras “no princípio” contidas na narrativa da criação no Gênesis⁹ indicam que todas as criaturas partem do mesmo início. E, se é pois, o tempo, uma criatura¹⁰, haja vista ser inerente a sua definição a mudança, nem ele, que passa, nem as outras criaturas, que duram, são eternos. Ora, é então infundado pensar em um *antes* à criação, pois, Deus é eterno e imutável, logo, não está subordinado ao tempo, porque foi Ele mesmo quem o criou. Portanto Deus é¹¹, e, como ‘o *antes*’, e ‘o *depois*’, são categorias do tempo, estas não se aplicam a Ele.

A verdade é que uma imaginação falsa sofre todas as consequências de tal discussão e que tentamos em vão traspor um problema do tempo em termos de eternidade. Sabemos que Deus, sendo eterno, criou tudo, mesmo o tempo; nós fracassamos na nossa tentativa de estabelecermos uma representação distinta da relação que une o tempo à eternidade, porque agora se trata de comparar dois modos de duração heterogêneos, fundados sob dois modos de ser heterogêneos, dos quais um, o de Deus, nos escapa quase completamente: nós, submissos até em nosso pensamento à lei do devir, não poderíamos representar para nós o modo de ser permanente. (GILSON, 2006, p.361-362)

Logo, o tempo pode ser perpétuo dado que tem um começo, porém, precisamente por tê-lo é que não pode ser eterno.¹²

3.2 – O próprio do Tempo

Segue-se que Agostinho nos indica¹³ que o tempo pode ser pensado de duas maneiras; o tempo do mundo e o tempo da alma, este subjetivo, aquele objetivo - o primeiro, na verdade, inexistente, e o segundo como o que é realmente. Ao desenvolver o raciocínio ele “nadifica” o tempo físico, de modo que o passado é aquilo que não é mais, o futuro não é ainda, e o presente é o instante compreendido entre o que não é (mais) para o que não é (ainda), logo é igualmente, nada. Assim, em primeiro lugar expõe Gilson:

A essência do tempo é ter somente uma existência fragmentada, pois o passado de algo que dura não existe mais no instante em que esse algo dura; o seu vir a ser ainda não existe; quanto ao seu presente, ele só pode consistir num instante indivisível, pois, por menos que o estendamos na duração, ele se divide num passado que já não é mais e num futuro imediato que ainda não é. As três dimensões que se tem costume de distinguir se reduzem a uma única, o presente, em que o passado sobrevive na memória e em que o futuro preexiste, de

⁹ “*In principio creavit Deus coelum et terram*” (Gn 1,1)

¹⁰ “Como poderiam transcorrer séculos e séculos, se tu, o autor da criação ainda não os tinha criado? Que tempos poderiam existir antes que os criasse? E como poderiam eles passar, se jamais haviam existido? Desde que és o artífice de todos os tempos, se antes da criação do céu e da terra existiu algum tempo, por que então se diz que ficaste ocioso? Porque também esse tempo mesmo foi criado por ti, e o tempo não poderia passar sem que antes fizesses o tempo.” (Conf., XI, 339)

¹¹ “Só o Ser é, sempre foi, e nunca deixará de ser, pois, é imutável, imperecível, necessário e atemporal. Toda criação só passou a ser quando o Ser a criou, e quando o Ser quiser, ela deixará de ser, pois assim como é da essência de Deus ser necessário, é da natureza da criação ser contingente.” COSTA, 2010, p.144.

¹² “...é evidente que, então, o tempo teria perpetuamente existido, mas disso não se seguiria que o mundo seria eterno, pois um tempo perpétuo não é uma eternidade.” GILSON, 2006, p.365.

¹³ “Que é então o tempo? Quem seria capaz de explicá-lo de maneira breve e fácil? Quem pode concebê-lo, mesmo no pensamento, bastante nitidamente para exprimir por meio de palavras a ideia que dele faz? E, contudo, há noção mais familiar e mais conhecida de que usamos em nossas conversações? Quando falamos de tempo, sem dúvida compreendemos o que dizemos; o mesmo acontecerá se ouvirmos alguém falar do tempo. Que é pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu o sei; mas se me perguntam, e quero explicar, não sei mais nada. Contudo, eu o declaro sem hesitar, e sei que, se nada passasse, não haveria tempo passado; que se nada sucedesse, não haveria tempo futuro; e que se nada existisse atualmente, não haveria tempo presente.” Conf. p.340-341.

algum modo, sob forma de uma espera fundada na percepção atual das causas presentes. GILSON, 2006 p.365.

Em segundo Lugar, ratificando a nadição do tempo objetivo e sua incompatibilidade com a eternidade de Deus;

Mas o presente indivisível não deixa de se dissipar para ceder lugar a um outro, de modo que, em qualquer proporção que a duração dele seja estendida, o tempo se reduz ao impermanente, cujo ser, composto por uma sucessão de instantes indivisíveis, permanece alheio, por definição, a imobilidade estável da eternidade divina (...) GILSON, p.365.

Logo, o presente vai ser sempre indivisível, pois todas as vezes em que o momento denominado de presente puder ser dividido, ou será passado, ou futuro, de modo que não será mais presente¹⁴, contudo podemos dar-lhe a medida de duração que quisermos, o que não excluirá seu aspecto de indivisibilidade. Para evidenciarmos tal questão, é possível fazer um exercício segundo o que propõe Agostinho nas *Confissões*¹⁵. Se nos perguntarmos o que é o presente, podemos, por exemplo, mensurá-lo a partir de uma contagem anual, sendo assim o ano em que estamos, neste caso 2016, seria o presente. Ora, mas o ano não é outra coisa além dos meses que o formam. Então, podemos dizer que o presente seja na verdade o mês em que estamos, entretanto, o mês é formado pelos dias que passaram e pelos que estão por vir. Assim podemos dizer que o dia em que vivemos é, na verdade, o presente. Mas ora, por sua vez o dia é formado pelas horas que estão por vir e pelas que passaram, sendo assim, novamente redimensionamos nosso presente às horas, que, contudo, são formadas pelos minutos que passaram e aqueles que virão; os minutos pelos segundos, os segundos pelos milésimos e assim sucessivamente; logo, o presente enquanto um instante irá sempre nos escapar. Mas ainda há mais elementos a serem analisados. Para além da questão com a eternidade, o próprio tempo permanece obscuro à razão, pois, só o que se extrai é que o tempo só é enquanto um presente breve, imerso em uma perpétua sucessão. Contudo, sabemos que é possível mensurá-lo, pois conseguimos medir o passado, que já não é mais, o futuro que ainda não é, e o presente que é não sendo mais, ou seja, conseguimos nos referir e dar medidas ao que passou, bem como ao que está por vir, e conseguimos nos perceber enquanto presentes em um momento. Ora, mas se é, pois, o tempo inexistente, haja vista a insuficiência existencial de suas dimensões (passado, presente e futuro), como visto anteriormente, como conseguimos afirmar que há, de fato, um passado, um presente e um futuro?

É aí que Agostinho propõe pensarmos o tempo como “*distentio animi*”¹⁶ – distensão da alma – no tempo da alma¹⁷, ou seja, no tempo em que a alma é capaz de perceber, esta alma faz com que aquilo que não é mais no tempo físico, seja, por meio das lembranças presente, ou seja, dá existência a algo que já passou, o que é próprio da memória, e por isso a memória é um atributo da alma, e faz também com que aquilo que ainda não é, seja, por meio da esperança, pois, um ser que espera por algo, contempla-o, ainda que fisicamente ele ainda não exista. E por meio da atenção o presente que é passagem do nada para o nada no tempo físico, torna-se verdadeiramente presente, ou seja, um ser atento é capaz de viver o presente sem estar subordinado ao tempo físico, mobilizando suas lembranças e esperanças. Dada a complexidade da situação exposta, vejamos pois, como Étienne Gilson dá a ela uma explicação:

Ao se considerar o tempo em si mesmo, nenhuma medida é possível, pois só se mede um tempo passado, ou seja, que já não dura e já não é; ora, não se pode medir o que já não é. Se, ao contrário, reportarmos o tempo à alma, e especialmente à memória, as medidas em questão tornam-se possíveis. O que deixou de ser em si, continua a existir na lembrança que guardamos disso; a impressão que as coisas transitórias deixam em nós sobrevive a essas

¹⁴ “ Se se poder conceber um tempo tal que não possa ser dividido em partículas de instantes, por menores que sejam, só esse tempo poderá ser chamado de presente, mas esse instante voa tão rapidamente do futuro para o passado, que não tem nenhuma duração. Se a tivesse, dividir-se-ia em passado e futuro, mas o presente não tem duração alguma.” (Conf. XI, p. 343)

¹⁵ Conf., XI, p.341-342-343

¹⁶ “Para compreender, tanto quanto possível, a relação do permanente com o transitório, pois aqui está todo o problema, Agostinho recorre a uma metáfora e propõe considerar o tempo como um tipo de distensão da alma (*distentio animi*), que, tornando possível a coexistência do futuro e do passado no presente, permite também perceber a duração e medi-la.” GILSON, 2006, p.367

¹⁷ “(...) Por esse motivo é que o tempo me pareceu não mais que uma distensão. Mas distensão de que não saberia dizê-lo exatamente; talvez uma distensão da própria alma.” (Conf., XI, p.353)

coisas mesmas e, ao nos permitir compará-las, torna possível para nós uma certa medida dos intervalos delas. Ora, o que é verdadeiro para a lembrança do passado também é para a espera do futuro. (GINSON, 2006, p.367-368)

Logo, é a alma humana, e somente ela, quem é capaz de, no presente, perceber-se, e, portanto, tornar-se atenta ao que então será um momento verdadeiramente presente, todavia, tal momento será presente, tanto quando a alma se percebe nele. Sendo assim conclui o Hiponense que podemos, ao pensar o tempo como distensão da alma, de uma forma mais correta, falarmos, portanto, em um “*presente do passado*”, “*presente do presente*” e “*presente do futuro*”:

Mas o que agora parece claro e manifesto é que nem o futuro, nem o passado existem, e nem se pode dizer com propriedade que há três tempos: o passado, o presente e o futuro. Talvez fosse mais correto dizer-se: há três tempos: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro, porque essas três espécies de tempos existem em nossa alma, e não as vejo em outra parte. O presente do passado é a memória; o presente do presente é a intuição direta; o presente do futuro é a esperança. (Conf., XI, p.346-347)

Assim explica Gilson:

Há, portanto, uma possibilidade de coincidência de três dimensões do tempo, ainda que o instante presente, o único real, seja em si mesmo indivisível. Contudo, essa possibilidade só existe graças à alma. Para concebê-la é necessário representar o presente da alma como uma atenção, direcionada simultaneamente em direção ao que ainda não é, pela espera, e na direção do que não é mais, pela lembrança. Tal atenção dura; ela é, por assim dizer, o lugar da passagem daquilo que ela espera para aquilo que ela se lembra. (GINSON, 2006 p. 368)

Mas ainda é misteriosa, para Agostinho, a questão do tempo, que enquanto criatura condiciona as outras criaturas a sua perpétua passagem, mas que na alma humana é solidificado em um presente atento que, contudo, ainda dará lugar a outro, confirmando assim a complexa relação entre a inconstância da *criatura tempo*, com a eternidade do criador Deus.¹⁸

Assim, Santo Agostinho responde aos partidários do maniqueísmo que de fato não é plausibilidade em questionar um *antes* com relação a criação, e que, sim, de sua eternidade, imóvel e imutável, Deus criou, porque quis, e a partir de sua bondade, o mundo, e portanto, o tempo. Eis sua conclusão, primeiro:

Então repousarei e estarei firme em ti, em tua verdade, na minha forma; não serei mais atormentado pelas perguntas das pessoas que, por uma enfermidade, que é pena de seu pecado, querem beber mais do que podem, e dizem: “Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?” – Ou: “Como lhe veio a ideia de criar algo, se antes nunca criara coisa alguma?” – Concede-lhes, Senhor, que refutam no que dizem, que compreendam que não se pode falar em nunca onde não há tempo. Quando se diz que alguém nunca fez nada, que se quer dizer senão que esse tal nada fez em tempo algum? Que eles, portanto, vejam que não pode existir tempo na ausência da criação, e deixem de semelhante futilidade. (Conf., XI, p.358)

Segundo:

Que também atentem para o que têm diante de si, que compreendam que tu, antes de todos os tempos, és o Criador eterno de todos os tempos, e que nenhum tempo te é coeterno, Enem criatura alguma(...) (Conf., XI, p.358-359)

Conclusão

Desta maneira, procuramos aqui expor como surge a problemática da temporalidade neste grande filósofo patrístico, Santo Agostinho de Hipona, e buscamos refletir como ele chegou a tal problema, partindo da certeza de que Deus é fonte de toda beatitude, buscando assim conhecê-Lo, indo à natureza e descobrindo-a criatura e Deus seu criador, e posteriormente, analisando a criação, refletir assim o tempo, que também é criatura, e a eternidade. E, embora seja esta questão de extrema

¹⁸ “Mas quem não vê também qual esforço literalmente sobre-humano nos seria necessário poder fazer para compreendermos a relação do tempo criado com a eternidade criadora? O homem somente poderia chegar à conclusão de subtrair seu pensamento do fluxo que o arrasta, de se solidificar, por assim dizer, e, recolhendo num presente permanente a totalidade do que não é mais e do que ainda não é, de passar realmente do tempo à eternidade” GILSON, 2006, p.369.

complexidade, vimos com o filósofo de Hipona, que nos questionarmos sobre o tempo, é, com efeito, questionarmo-nos sobre nossa própria existência, pois é no tempo que nos percebemos, pois, é ele – o tempo – dimensão da nossa alma, e por consequência é nele que existimos. E mais. Enquanto criaturas criadas no tempo, a ele e a sua perpétua passagem estaremos sempre subordinados. Logo, parece-nos plausível que a filosofia se encarregue de sempre renovar tal discussão, pois, ao passo que o pensamento humano evoluir, com o surgimento de novos problemas, principalmente no que tange à vida do homem, ou àquilo que seja próprio ao homem, será preciso que acompanhando tal evolução a problemática da temporalidade esteja sempre atualizada, pois também é o tempo algo que constitui o homem.

Referencias Bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**; tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros; introdução: Pe. Riolando Azzi, S.D.B – [Ed. Especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

COSTA, Ricardo de. **Tempo e eternidade em Santo Agostinho**. 2010. Revista mirabilia: O Tempo e a Eternidade no Mundo Antigo e Medieval.2010/2. Disponível em: http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2010_02_07.pdf

GILSON, Étienne. **Introdução ao Estudo de Santo Agostinho** / por Étienne Gilson da Academia Francesa; tradução Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006.